



Mediação e meditação

Artista plástico e diretor de um escritório de 'mediação de cultura', o austríaco Walter Stach fez do Mosteiro Zen-Budista de Ibraçu um ateliê perfeito para criar

ANDRÉA PEÑA

Há alguma coisa entre o céu azul dos trópicos brasileiros e o verde da região serrana do Espírito Santo que remete aos gelados alpes austríacos. Guardadas as devidas proporções, as montanhas que circundam o Mosteiro Zen-Budista de Ibraçu parecem familiares aos olhos do casal Walter e Ana Stach.

Hóspedes da Estação Cultural do mosteiro há quase um mês, eles vieram ao Brasil para fugir do rigoroso inverno europeu e isolarem-se do mundo, numa tentativa de estar consigo mesmos e desenvolverem suas habilidades artísticas.

Ele, artista plástico, e ela, designer têxtil e advogada, descobriram o lugar no início do ano passado, por meio de um amigo, que levou um folder de divulgação escrito em inglês sobre o mosteiro e sua Estação Cultural. A casa foi inaugurada há cerca de cinco anos pela artista plástica japonesa radicada em São Paulo Tomi Othake.

Passadas as primeiras semanas de chuva e o choque com os borrachudos, Walter e Ana, acompanhados da filha de seis meses, Hannah, já se sentem em casa. Ana improvisa um bom português e assou bolos tipicamente austríacos de chocolate e maçã para a ceia que sucedeu a cerimônia de Ano-Novo dos monges.

"Aqui é perfeito. Não há TV nem nada para te distrair. Então você se volta para si mesmo e tem tempo e a atmosfera ideais para olhar o mundo e ver o que pode ser feito. A paisagem, de alguma forma, é parecida com a da Áustria. Esse verde todo é familiar. Só não temos essas rochas escuras. Nem essa chuva, esse calor, mosquitos...", diz Ana, bem-humorada.

Lá, a família Stach permanecerá durante dois meses e não pretende fazer turismo pelo Estado nem mesmo pelo Brasil. Walter veio com o único objetivo de trabalhar. Ele se formou artista plástico na Academy of Fine Arts de Viena e trabalhou com arte-educação, lançando um livro didático na década dos 80 que é adotado em várias escolas e reeditado anualmente. Há dez anos, no entanto, abriu um escritório de "mediação de cultura".

O que ele faz é proporcionar o contato com a arte a pessoas que nunca tiveram essa oportunidade antes. Geralmente são jovens que estudaram em escolas técnicas sem aulas de música, desenho ou outro tipo de educação artística no currículo. Os projetos incluem levá-los aos museus, ensiná-los a olhar e entender as obras e, além disso, explorar suas capacidades artísticas em áreas como desenho, música e escultura. Isso é feito por meio de workshops com artistas pro-

fissionais, daí o caráter mediador.

Atualmente, o escritório faz parte do *European Union Program*, num grupo chamado *Socrates*, que envolve cinco países: Irlanda, Suécia, Portugal, Inglaterra e Áustria. O objetivo é que cada país ajude os museus a prepararem-se para receber as pessoas e não somente pendurem os quadros supondo que todo mundo vai entendê-los. Executam, ainda, projetos mais audaciosos, como a alfabetização de adultos dentro dos museus.

Segundo as estatísticas, apenas 10% a 15% da população austríaca frequenta museus. "E são sempre as mesmas pessoas", aponta Ana. É

isso que o escritório de Walter Stach tenta mudar. "Nós fazemos arte-educação, mas comunicação. Apoiamos os museus para mostrar o que eles têm a mostrar. Não é só colocar na parede e achar que as pessoas vão entender", completa o marido.

Tecnologia

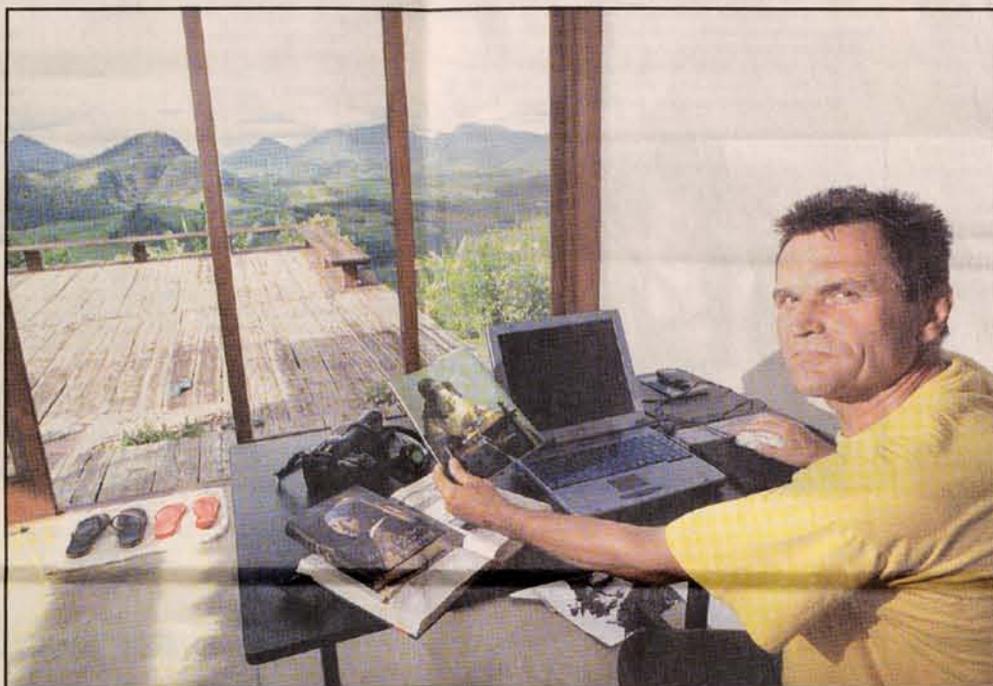
Envolvido com a parte administrativa de seu escritório em Viena e com a arte aplicada, Stach nunca tem tempo de se dedicar à arte pura. Por isso, o advento do computador, especialmente do programa *Photoshop*, foi providencial em sua carreira de artista plástico. Foi usando esse recurso que ele produziu uma série de trabalhos em

grandes dimensões, que foram expostos no Museum of Fine Arts de Viena. A série era inspirada no óleo *Jupiter and Io* do pintor italiano renascentista Correggio.

"Tinha muitas imagens no meu cérebro e precisava trazê-las para fora. Mas para mim é muito complicado pintar e desenhar. Então o computador é um instrumento perfeito para mim, como um pincel", compara. Com o auxílio da máquina, ele transforma pinturas clássicas em trabalhos de estilo contemporâneo. No caso de *Jupiter and Io*, criou várias interpretações da história mitológica do deus grego Júpiter e sua polêmica paixão pela jovem deusa Io.

Aqui no Brasil, Stach pretende criar uma nova série inspirada na pintura *The Lace Maker*, do pintor alemão Vermeer. "Ele tinha um olho maravilhoso. Só pintou 41 telas em toda vida, mas todas elas são maravilhosas. Para mim, *(The Lace Maker)* é especial e eu decidi fazer metamorfoses a partir dela com o computador", descreve. Paralelamente, refresca suas habilidades de desenhista rabisando aqui e ali, inspirado na tal "rocha negra" que difere a paisagem capixaba de sua terra natal.

Ana, que é técnica em design têxtil mas formou-se advogada e trabalha no Departamento de Direitos Humanos do governo austríaco,



Fotos de Edson Chagas



RECURSO TECNOLÓGICO

"O computador é um instrumento perfeito para mim, como um pincel", compara o artista plástico Walter Stach. Com o auxílio da máquina, ele transforma pinturas renascentistas em trabalhos de estilo contemporâneo. Com a esposa, Ana, e a filha, Hannah, ele fica no Brasil mais um mês, voltando para a Áustria em seguida. No alto, a obra de Vermeer, que inspira sua nova série

também resgata seu talento para o desenho inspirada na filha Hannah. Daqui a um mês eles partem de volta à neve. Até lá, não pretendem descer a serra. "Queremos captar a intensidade desse lugar", justifica Walter.

Apesar de não ser religioso, ele diz que tem afinidade com a filosofia zen. "Concordo com o modo de vida deles, e aqui é maravilhoso porque os membros do mosteiro são legais. É uma idéia maravilhosa oferecer esse espaço para artistas e pessoas que queiram explorar sua criatividade, não só para criar coisas, mas para olhar a paisagem e descobrir coisas. Aqui estou em outra atmosfera, não só muda o clima, mas a cultura. Confronta-se os hábitos da velha cultura europeia com o frescor dessa cultura", avalia.